

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	7261110727
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

ENCONTRO COM PAULO FREIRE

A EDUCAÇÃO É EMINENTEMENTE

A convite do Ministério da Educação e Cultura, encontra-se entre nós, desde o dia 8, o célebre pedagogo e sociólogo brasileiro Paulo Freire. É a primeira vez que, oficialmente vem a Portugal; foi a primeira vez que pudemos contactar pessoalmente apesar de o conhecermos já, através de amigos brasileiros e dos seus livros «Educação — prática da liberdade e Pedagogia do Oprimido».

Um grupo de trabalhadores que há três anos vem desenvolvendo uma acção cultural no ensino aguardava ansiosamente a chegada daquele que havia inspirado várias experiências levadas a cabo nos Açores e no Continente por iniciativas culturais presentes.

Paulo Freire chegou, finalmente, acompanhado pela dr.ª Teresa Santa Clara Gomes, coordenadora da Comissão Interministerial para a Animação Sócio-Cultural. Foi um encontro simples, sem protocolos tão ao jeito desse filho do Sertão, desse nordestino que experimentou a sede e a fome em Jabata e começou a compreender «que havia coisas que iam mal no mundo dos homens». Foi um encontro partilha, durante o qual as experiências feitas foram relatadas e Paulo Freire se revelou mais uma vez, o extraordinário pedagogo que é, e o homem que sabe, através das múltiplas experiências vividas, através dos seus contactos com oprimidos de todo o mundo, conquistar a serenidade interior tão necessária a uma revolução profunda dos homens e das sociedades.

TODO UM PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO

Ouvimo-lo falar dos pescadores, desses homens feitos de mar e terra, balanceados entre dois mundos, desses homens que, após chegarem do mar, descansam sob as caissaras (espécie de telheiros de colmo nos arcais brasileiros — terra de ninguém) contemplando amorosamente o mar ou dormindo tranquilamente, desses homens que sabem aplicar o princípio das coordenadas sem nunca as terem aprendido na ciência das matemáticas.

— Um dia também eu quis, como vocês, fazer alfabetização com pescadores do Nordeste. Instalei-me com minha família no lugar onde eles viviam. Comecei partilhando do seu quotidiano. Eles me começaram explicando o significado das palavras que usavam e fui entrando no seu universo. E um dia fala-

ram-me da pescaria de «ciência» e ficaram admirados de não saber o que era. Fui com eles para o mar e então eles me mostraram. Na jangada levam a arapuca (uma armadilha para peixe feita com uma fibra e pedaços de mangui), os covos e uma corda com um gancho. Chegam ao mar de dentro (mar alto) descem a arapuca bem ao fundo, segura com pedras para suportar as correntes e depois vêm embora. E aqui a gente se interroga como os caras vão dar com a armadilha passado um dia ou dois. Seria fácil se eles colocassem boias mas não as põem porque outros podem vir e roubar a arapuca. Então eles fazem assim: procuram dois pontos na terra, por exemplo o pico de um morro distante e a torre de uma igreja. Traçam uma linha imaginária entre os dois pontos e onde elas se cruzam descem a arapuca; quando vão buscá-la repetem a operação. É isto a pescaria de «ciência».

Neste relato simples toda um programa de alfabetização, toda uma atitude cultural, toda uma concepção de cultura outra, a que estamos habituados a aceitar, e desenvolver, como única nas sociedades em que vivemos. Aprender com e não ensinar a, possível quando se partilha a vida do povo em que vivemos. Aqueles pescadores não sabiam ler nem escrever mas sabiam aplicar o princípio matemático das coordenadas, sabiam fazer a pescaria de «ciência», da ciência aprendida na vida, em gestos culturais nascidos da sua luta diária com o mar, da sua necessidade de sobrevivência.

MAIS DO QUE UM SIMPLES MÉTODO

Naturalmente que uma teoria e prática revolucionária da edu-

cação num encontro com Paulo Freire teríamos de falar no seu método de alfabetização de adultos tão falado entre nós nas recentes campanhas de alfabetização e, não poucas vezes, deturpado.

— O problema fundamental não é ler e escrever, mas sim ler a história que fazemos e não a que nos contam que se faz.

Mais do que um simples método, a alfabetização que Paulo Freire propõe é, essencialmente, uma conscientização: «Para que a educação de adultos não seja uma pura mecânica e um simples recurso à memória, é necessário dar-lhes meios para se conscientizarem para se alfabetizar (...), porque na medida em que um método activo ajuda o homem a tomar consciência da sua problemática, da sua condição como pessoa e como sujeito, ele adquirirá os instrumentos que lhe permitirão escolher (...). Então politizar-se-á a ele mesmo».

Em 1962, no Nordeste do Brasil, uma das regiões mais pobres do mundo, mais de metade da população era analfabeta. Quinze milhões de homens sobre vinte e cinco milhões não sabiam ler nem escrever. A realidade de um povo dominado, mergulhado na resignação, na passividade silenciosa, no fatalismo do «Deus quer assim», levou Paulo Freire a conceber algo que pudesse ajudar os homens a tomar consciência da sua dignidade, a exprimir o que vivem, o que sentem e fazê-los autores e testemunhos da sua própria história. Partindo da «consciência dominada», Paulo Freire quer atingir a «consciência libertadora». A «educação-dominada» ele opõe a «educação libertadora». Trata-se de «promover no povo, tocado por uma acção educativa, uma consciência clara da sua situação objectiva». Assim, Paulo Freire concebe a educação como prática da liberdade «que é um acto de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade». O objectivo do educador deixa de ser o ensinar algo a outrem mas uma procura conjunta dos meios para transformar o mundo concreto onde vivem. E é aqui que a sua concepção de edu-

E FERRAGENS
MAQUINAS - FERRAMENTAS
Tel. 23002
Cristelo - Paredes
Import. - Export.
F. FERREIRA DE ANDRADE
& IRMÃO, LDA.

DO BRASIL A VÁRIOS PAÍSES DO MUNDO

A primeira experiência do seu método de alfabetização foi levada a cabo em Angola: 300 trabalhadores são alfabetizados em 45 dias.

O período era favorável a este tipo de trabalho, pois que havia uma intensa mobilização de massas — participação popular crescente, esforço do desenvolvimento do sindicalismo rural, movimento da cultura popular e as ligas camponesas animadas por Francisco Julião.

Os resultados obtidos através das campanhas de alfabetização levam o governo de João Goulart a oficializar o método de Paulo Freire (1963-64), mas o golpe militar de 1964 pôs termo à conscientização das massas populares, à educação como prática da liberdade. O método foi aproveitado, mas ao serviço de outra ideologia.

Paulo Freire é exilado. Fica-se no Chile, onde, ainda no tempo de Eduardo Frei, tenta várias experiências de alfabetização. Mais tarde, no Perú, na Guatemala, no Equador... Paulo Freire vive actualmente em Genebra e trabalha no «bureau» Educação do Conselho Mundial das Igrejas.

A INGENUIDADE DE MUITOS CRISTÃOS

Ao longo do nosso diálogo Paulo Freire aborda uma questão que nos parece essencial: as motivações que levam animadores, militantes, cristãos ou não a dedicar-se ao trabalho de alfabetização.

Falou dos cristãos, talvez porque se preocupa com a sua actuação no mundo em que vivemos. A concepção do amor, da caridade que a maioria dos cristãos tem é, para Paulo Freire uma perigosa abstracção que impedirá não só a libertação desses mesmos cristãos como a

daqueles que se propõem «ajudar».

— Ensinam-nos a amar a humanidade, mas a humanidade não existe no abstracto. A humanidade são os homens e mulheres concretas, aqui ou ali ensinam-nos que os cristãos devem amar todos e isso é outra coisa que não existe; para nós, amar o inimigo é acabar com o poder dele; a neutralidade teológica, como afirmam, é outro negócio que não existe e os cristãos que não estiverem atentos acabam por trabalhar em esboço o poder e não param de um compromisso político revolucionário.

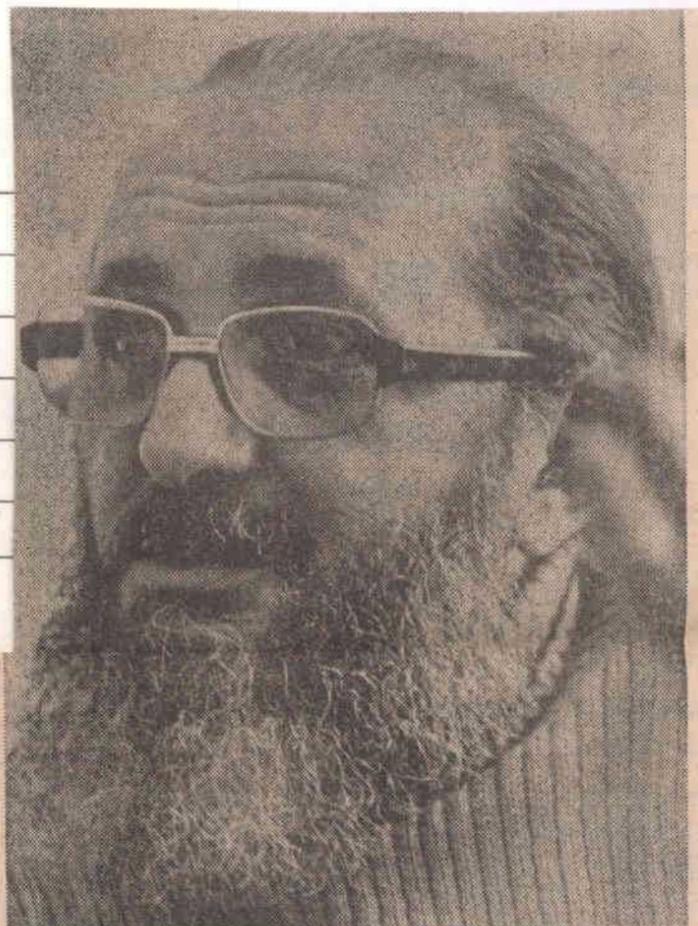
Assim eu digo a vocês que antes de alguém se lançar num trabalho de educação como prática da liberdade terá de ver bem as suas posições.

Esta é a advertência de um homem para quem «o fenómeno da exploração, da dominação, da opressão provoca uma série de posturas, de atitudes que variam de tempos a tempos, no espaço, e conforme a «roupa com que se veste» mas que pode ser analisado do nordeste brasileiro passando pelos «ghetos» de portorriquenhos e negros dos E. Unidos...»

— Tenho ouvido falar muito em método desde que estou aqui em Portugal e que é importante não é, como já disse, ler e escrever mas aprender a ler a história que fazemos. O método é um meio não um fim. Aqueles que se propuserem aplicá-lo terão de ter um projecto de organização política, terão de assumir um compromisso político revolucionário. Porque a educação é, foi e vai continuar a ser um acto político, eminentemente político que está do lado da dominação ou da libertação.

«Os senhores do mundo que são os donos dos homens, não têm interesse em que o povo descubra que pode ser outra coisa mais do que um objecto submetido à dominação de certos homens sobre outros homens.»

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	COMÉRCIO DO PORTO
SECULO	DIÁRIO POPULAR
JORNAL DO COMÉRCIO	DIÁRIO DE LISBOA
PRIMEIRO DE JANEIRO	CAPITAL
JORNAL DE NOTÍCIAS	REPÚBLICA



ENCONTRO COM PAULO FREIRE

A EDUCAÇÃO É UM ACTO EMINENTEMENTE POLÍTICO

A convite do Ministério da Educação e Cultura, encontra-se entre nós, desde o dia 8, o célebre pedagogo e sociólogo brasileiro Paulo Freire. É a primeira vez que, oficialmente vem a Portugal; foi a primeira vez que pudemos contactar pessoalmente apesar de o conhecermos já, através de amigos brasileiros e dos seus livros «Educação — prática da liberdade e Pedagogia do Oprimido».

Um grupo de trabalhadores que há três anos vem desenvolvendo uma acção cultural no ensino aguardava ansiosamente a chegada daquele que havia inspirado várias experiências levadas a cabo nos Açores e no Continente por (ainda) as culturais presentes.

Paulo Freire chegou, finalmente, acompanhado pela dr.^a Teresa Santa Clara Gomes, coordenadora da Comissão Interministerial para a Animação Sócio-Cultural. Foi um encontro simples, sem protocolos tão ao jeito desse filho do Sertão, desse nordestino que experimentou a sede e a fome em Jabata e começou a compreender «que havia coisas que iam mal no mundo dos homens». Foi um encontro partilha, durante o qual as experiências feitas foram relatadas e Paulo Freire se revelou mais uma vez, o extraordinário pedagogo que é, e o homem que sabe, através das múltiplas experiências vividas, através dos seus contactos com oprimidos de todo o mundo, conquistar a serenidade interior tão necessária a uma revolução profunda dos homens e das sociedades.

TODO UM PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO

Ouvimo-lo falar dos pescadores, desses homens feitos de mar e terra, balanceados entre dois mundos, desses homens que, após chegarem do mar, descansam sob as caissaras (espécie de telheiros de colmo nos areais brasileiros — terra de ninguém) contemplando amorosamente o mar ou dormindo tranquilamente, desses homens que sabem aplicar o princípio das coordenadas sem nunca as terem aprendido na ciência das matemáticas.

— Um dia também eu quis, como vocês, fazer alfabetização com pescadores do Nordeste. Instalei-me com minha família no lugar onde eles viviam. Comecei partilhando do seu quotidiano. Eles me começaram explicando o significado das palavras que usavam e fui entrando no seu universo. E um dia fala-

ram-me da pescaria de «ciência» e ficaram admirados de não saber o que era. Fui com eles para o mar e então eles me mostraram. Na jangada levam a arapuca (uma armadilha para peixe feita com uma fibra e pedaços de mangui), os covos e uma corda com um gancho. Chegam ao mar de dentro (mar alto) desce a arapuca bem ao fundo, segura com pedras para suportar as correntes e depois vêm embora. E aqui a gente se interroga como os caras vão dar com a armadilha passado um dia ou dois. Seria fácil se eles colocassem boias mas não as põem porque outros podem vir e roubar a arapuca. Então eles fazem assim: procuram dois pontos na terra, por exemplo o pico de um morro distante e a torre de uma igreja. Traçam uma linha imaginária entre os dois pontos e onde elas se cruzam desce a arapuca; quando vão buscá-la repetem a operação. É isto a pescaria de «ciência».

Neste relato simples todo um programa de alfabetização, toda uma atitude cultural, toda uma concepção de cultura outra, a que estamos habituados a aceitar, e desenvolver, como única nas sociedades em que vivemos. Aprender com e não ensinar a, possível quando se partilha a vida do povo em que vivemos. Aqueles pescadores não sabiam ler nem escrever mas sabiam aplicar o princípio matemático das coordenadas, sabiam fazer a pescaria de «ciência», da ciência aprendida na vida, em gestos culturais nascidos da sua luta diária com o mar, da sua necessidade de sobrevivência.

MAIS DO QUE UM SIMPLES MÉTODO

Naturalmente que uma teoria e prática revolucionária da edu-

cação num encontro com Paulo Freire teríamos de falar no seu método de alfabetização de adultos tão falado entre nós, nas recentes campanhas de alfabetização e, não poucas vezes, deturpado.

— O problema fundamental não é ler e escrever, mas sim ler a história que fazemos, e não a que nos contam que se faz.

Mais do que um simples método, a alfabetização que Paulo Freire propõe é, essencialmente, uma conscientização: «Para que a educação de adultos não seja uma pura mecânica e um simples recurso à memória, é necessário dar-lhes meios para se conscientizarem para se alfabetizar (...), porque na medida em que um método ativo ajuda o homem a tomar consciência da sua problemática, da sua condição como pessoa e como sujeito, ele adquirirá os instrumentos que lhe permitirão escolher (...). Então politizar-se-á a ele mesmo».

Em 1962, no Nordeste do Brasil, uma das regiões mais pobres do mundo, mais de metade da população era analfabeta. Quinze milhões de homens sobre vinte e cinco milhões não sabiam ler nem escrever. A realidade de um povo dominado, mergulhado na resignação, na passividade silenciosa, no fatalismo do «Deus quer assim», levou Paulo Freire a conceber algo que pudesse ajudar os homens a tomar consciência da sua dignidade, a exprimir o que vivem, o que sentem e fazê-los autores e testemunhos da sua própria história. Partindo da «consciência dominada», Paulo Freire quer atingir a «consciência libertadora». A «educação-dominada» ele opõe a «educação libertadora». Trata-se de «promover no povo, tocado por uma acção educativa, uma consciência clara da sua situação objectiva». Assim, Paulo Freire concebe a educação como prática da liberdade «que é um acto de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade». O objectivo do educador deixa de ser o ensinar algo a outrém mas uma procura conjunta dos meios para transformar o mundo concreto onde vivem. E é aqui que a sua concepção de edu-

cação e o seu método se torna verdadeiramente revolucionários.

POR

HELENA POLICARPO

DO BRASIL A VARIOS PAISES DO MUNDO

A primeira experiência do seu método de alfabetização foi levada a cabo em Angola: 300 trabalhadores são alfabetizados em 45 dias.

O período era favorável a este tipo de trabalho, pois que havia uma intensa mobilização de massas — participação popular crescente, esforço do desenvolvimento do sindicalismo rural, movimento da cultura popular e as ligas camponesas animadas por Francisco Julião.

Os resultados obtidos através das campanhas de alfabetização levam o governo de João Goulart a oficializar o método de Paulo Freire (1963-64), mas o golpe militar de 1964 pôs termo à conscientização das massas populares, à educação como prática da liberdade. O método foi aproveitado, mas ao serviço de outra ideologia.

Paulo Freire é exilado. Fica-se no Chile, onde, ainda no tempo de Eduardo Frei, tenta várias experiências de alfabetização. Mais tarde, no Equador... Paulo Freire vive actualmente em Genebra e trabalha no «bureau» Educação do Conselho Mundial das Igrejas.

A INGENUIDADE DE MUITOS CRISTÃOS

Ao longo do nosso diálogo Paulo Freire aborda uma questão que nos parece essencial: as motivações que levam animadores, militantes, cristãos ou não a dedicar-se ao trabalho de alfabetização.

Falou dos cristãos, talvez porque se preocupa com a sua actuação no mundo em que vivemos. A concepção do amor, da caridade que a maioria dos cristãos tem é, para Paulo Freire uma perigosa abstracção que impedirá não só a libertação desses mesmos cristãos como a

daqueles que se propõem «ajudar».

— Ensinam-nos a amar a humanidade, mas a humanidade não existe no abstracto. A humanidade são os homens e mulheres concretas, aqui ou ali ensinam-nos que os cristãos devem amar todos e isso é outra coisa que não existe; para nós, amar o inimigo é acabar com o poder dele; a neutralidade teológica, como afirmam, é outro negócio que não existe e os cristãos que não estiverem atentos acabam por trabalhar nos seus próprios interesses e não param de um compromisso político revolucionário.

Assim eu digo a vocês que antes de alguém se lançar num trabalho de educação como prática da liberdade terá de ver bem as suas posições.

Esta é a advertência de um homem para quem «o fenómeno da exploração, da dominação, da opressão provoca uma série de posturas, de atitudes que variam de tempos a tempos, no espaço, e conforme a «roupa com que se veste» mas que pode ser analisado do nordeste brasileiro passando pelos «ghetos» de portorriquenhos e negros dos E. Unidos.»

— Tenho ouvido falar muito em método desde que estou aqui em Portugal e que é importante não é, como já disse, ler e escrever mas aprender a ler a história que fazemos. O método é um meio não um fim. Aqueles que se propuserem aplicá-lo terão de ter um projecto de organização política, terão de assumir um compromisso político revolucionário. Porque a educação é, foi e vai continuar a ser um acto político, eminentemente político que está do lado da dominação ou da libertação.

«Os senhores do mundo que são os donos dos homens, não têm interesse em que o povo descubra que pode ser outra coisa mais do que um objecto submetido à dominação de certos homens sobre outros homens.»